
Jornal Laboratório ECOS: Análise do Ensino Prático Laboratorial no Ensino Superior Público de Jornalismo no Brasil e Seus Desafios¹

Laís Barros Falcão de ALMEIDA²
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

Resumo

O artigo traz uma análise do ensino prático laboratorial no ensino superior público de Jornalismo no Brasil e seus desafios, a partir da experiência de docência da autora como professora substituta do curso de Jornalismo Bacharelado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em disciplinas de mídia impressa. Trabalho alicerçado no jornal laboratório ECOS criado em 2018, orientado principalmente para o público acadêmico, de periodicidade mensal. Os resultados alcançados foram, entre eles: edições do veículo, material didático e de divulgação, que comprovam a qualidade do ensino superior público de Jornalismo no Brasil, e da própria universidade pública brasileira.

Palavras-chave: jornalismo; ensino superior; mídia impressa; jornal laboratório; ECOS.

O Modelo da UNESCO e as Diretrizes Nacionais

Os cursos de Jornalismo superior público no Brasil passou recentemente por inovações em sua estruturação curricular, resultado dos debates entre especialistas do Ministério da Educação (MEC), entidades de representação dos jornalistas, instituições de ensino superior de Jornalismo, docentes, discentes, empresas de comunicações, entre outros, após o lançamento do *Modelo Curricular da UNESCO Para o Ensino do Jornalismo*, em dezembro de 2010, uma série sobre Educação em Jornalismo lançada pelas Organizações das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)³. A publicação propõe uma estrutura de educação abrangente para o Jornalismo através de experiências multi-disciplinares, que foi adaptada de forma específica nos projetos pedagógicos de graduação em Jornalismo nas universidades públicas brasileiras, visando a melhoria da qualidade desses cursos.

Segundo modelo da UNESCO, “O ensino do jornalismo deve garantir aos estudantes a aquisição de conhecimentos gerais amplos, bem como conhecimento especializado em um

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática - DT 01 Jornalismo do XXVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Professora Substituta do curso de Jornalismo UFAL. E-mail: lais_falcao@yahoo.com.br.

³ UNESCO é uma agência especializada das Nações Unidas (ONU) fundada em 1945 com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, atuando em diversas áreas, inclusive em Comunicação e Informação, promovendo a livre circulação de ideias, a liberdade de imprensa e a independência, o pluralismo e a diversidade dos meios de informação, através do Programa Internacional para a Promoção da Comunicação. Essas e outras informações estão disponíveis em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>>. Acesso em: 16 abril de 2019.

campo que seja importante para o jornalismo” (2010, p. 6), organizado em torno de três eixos curriculares ou linhas de desenvolvimento:

- i. Um eixo compreendendo normas, valores, ferramentas, padrões e práticas do jornalismo;
- ii. Um eixo enfatizando os aspectos social, cultural, político, econômico, legal e ético da prática jornalística, nacional e internacionalmente;
- e iii. Um eixo centrado no conhecimento do mundo e nos desafios intelectuais ligados ao jornalismo. (UNESCO, 2010, p. 7-8).

O eixo número um ensina a apurar, escrever e editar textos para diferentes mídias e meios de comunicação através de técnicas específicas, equipamentos e ferramentas adequadas, enquanto o número dois aborda contextos sociais e institucionais dos jornalistas, conectando diferentes práticas para além do Jornalismo, isto é, o estudo do Jornalismo na sociedade, e o número três, por fim, estabelece a conexão do Jornalismo com o saber contemporâneo, ou seja, com outras áreas e disciplinas (UNESCO, 2010). A aprendizagem prática do eixo número um, então, deve atuar junto com o os outros eixos.

Tão importante quanto o modelo da UNESCO, foi a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e outras providências com a Resolução Nº 1, de 27 de setembro de 2013, aprovada pelo Conselho Nacional de Educação, do MEC. Um estruturação e um aprimoramento do curso e do seu projeto pedagógico que foram implementadas pelas instituições de educação superior de forma obrigatória até 2015, e aos alunos ingressantes no mesmo ano de publicação da resolução, cuja formação deve ter a prática profissional, sem detrimento da formação científica no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas. Além de ter alterado na nomenclatura dos cursos da área de Comunicação que até então eram designados como cursos de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, por exemplo, e agora é apenas curso de Bacharelado em Jornalismo.

E em seu Artigo 6º das Diretrizes Nacionais para os cursos de Jornalismo estipula seis eixos, entre eles, o Eixo da Prática Laboratorial, segundo o qual:

Tem por objetivo adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores. Possui a função de integrar os demais eixos, alicerçado em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular, tais como: jornal, revista e livro, jornal mural, radiojornal, telejornal, webjornal, agência de notícias, assessoria de imprensa, entre outros. (BRASIL, 2013, p. 5).

O ensino de Jornalismo é um desafio enfrentado por profissionais e educadores em todos os países porque envolve demandas tecnológicas e formas de acesso à informação, além de ter

que lidar com a diversidade de culturas. No ensino superior público, além desses desafios, são acrescentados os desafios que advêm da questão financeira, devido aos cortes de verbas orçamentárias, que dificultam a construção, manutenção e desenvolvimento de laboratórios, e o custeio das atividades de ensino, pesquisa e extensão, entre outros investimentos. Ademais, o que os mais pessimistas por um lado chamam de “crise do jornalismo” em todo o mundo, e por outro lado mais realista, indicam ser um período de transformações, originado pelas tecnologias digitais e pela internet, que modificou seu negócio, suas práticas profissionais e seus conteúdos oferecidos e, conseqüentemente, trazem modificações para a formação de jornalistas.

O objetivo deste artigo é analisar o ensino prático laboratorial no ensino superior público de Jornalismo no Brasil e seus desafios, a partir da minha experiência de docência como professora substituta do curso de Jornalismo Bacharelado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) dentro do período de um ano, entre fevereiro de 2018 e fevereiro de 2019, nas disciplinas de Edição em Mídia Impressa e Laboratório de Mídia Impressa. Trabalho de ensino alicerçado no projeto editorial do jornal laboratório ECOS, orientado principalmente para o público acadêmico, com publicação permanente e periodicidade mensal, com a primeira edição lançada em abril de 2018, e mais doze edições publicadas ou no prelo. E que contou com o auxílio de monitora com bolsa, dos próprios alunos das disciplinas mencionadas e de outros estudantes colaboradores, uns fixos, outros passageiros ou esporádicos.

Laboratório de Mídia Impressa nos Blocos de Comunicação da UFAL

O *Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo Bacharelado* (2014) da UFAL teve como bases o modelo da UNESCO e as Diretrizes Nacionais para criar novas disciplinas e extinguir outras, atualizando seus conteúdos em novo formato que integra teoria e prática, traçados em três categorias de disciplinas: teórica (conceitual-crítica), oficial (prática-experimental), e laboratorial (produtiva-sistêmica). As teóricas apresentam as Teorias da Comunicação, do Jornalismo e outras correlatas que serão a base para as oficiais, que fazem a junção de teoria e prática de forma experimental, e as laboratoriais, mais especializadas e voltadas para atividades profissionais de Jornalismo. Com relação as disciplinas que lecionei de mídia impressa, a de Edição em Mídia Impressa não existe mais, pois fazia parte da matriz curricular antiga, e foi substituída e atualizada pela disciplina de Oficina de Edição de Mídia Impressa e Digital, uma disciplina oficial, pela qual não sou mais responsável. E sigo como professora da disciplina Laboratório de Mídia Impressa, uma disciplina laboratorial profissionalizante. Essa categoria:

Contempla um conjunto de disciplinas laboratoriais mais avançadas nas quais os estudantes que já possuem uma base conceitual e uma experiência prática oficial são demandados a planejarem e produzirem de modo semiprofissional determinados produtos, atuando como membro de uma equipe assumindo determinada função em um processo regular de produção que exige responsabilidades e trabalho em equipe. [...] Já os laboratórios tratam de elaboração sistemática que exige dedicação individual no quadro geral do trabalho sincronizado e em equipe, visando atingir, com qualidade profissional, metas pré-definidas de produtos específicos. (UFAL, 2014, p. 23).

E devem ser ministradas segundo as seguintes metodologias de ensino:

1. Pressupor que o estudante possui conhecimentos teóricos e habilidades técnicas básicas para engajar-se diretamente na elaboração de produtos;
2. Ter o horizonte de uma série de produtos que devem ser concretizados, com cronograma e metas pré-estabelecidas;
3. Enquadrar o estudante em funções específicas, como membro de uma equipe que trabalha visando o horizonte comum;
4. Explorar o desenvolvimento de habilidades específicas do estudante;
5. Paralelamente, deve-se estipular rodízio de funções, estimulando que o mesmo obtenha experiência mínima nas diversas funções para que adquira versatilidade;
6. Circular e divulgar os produtos do laboratório.

(UFAL, 2014, p. 24).

Com base nesse projeto pedagógico, adaptei a ementa da disciplina para produção de um jornal laboratório com edições mensais, “trabalhando as diversas dimensões e processos deste produto: formação de equipe de Redação e respectivas editorias; produção de pauta, revisão, edição textual, editoração gráfica” (UFAL, 2014, p. 61), mas com elaboração de conteúdo nos principais gêneros impressos: editorial, artigo, reportagens, reportagens especiais e entrevistas, incentivando também a produção de colunas, crônicas, resenhas, críticas, charges, infográficos, etc. Com o objetivo de capacitar os estudantes em diversos cargos de uma redação de jornal impresso, no trabalho em equipe de forma integrada, e das particularidades deste tipo de produção.

O primeiro desafio que surgiu foi com relação aos equipamentos e ao acesso à internet, pois não são muitos computadores e a internet não é muito estável nos blocos de Comunicação da UFAL. Assim, em turmas muito grandes, não tem computadores para todos, por isso a produção e edição de textos foram feitas em grupos, sendo um computador para cada grupo. E quando estava sem rede ou a conexão não funcionava no bloco, eu roteava o 3G do meu celular para meu computador pessoal, portátil e realizava orientação de uma equipe por vez. Por outro lado, em turmas menores, o trabalho foi individual, o que não fez muita diferença a pouca quantidade de computadores e o ensino foi mais direcionado no desenvolvimento profissional

de cada estudante. Ao meu ver, uma experiência de ensino e aprendizagem de maior qualidade. Ainda com relação aos computadores, muitos não possuem os programas Adobe para diagramação como InDesign e Photoshop instalados, ou quando possuem, rodam com problemas. O que fez a diagramação uma atividade para a casa dos estudantes que ficaram responsáveis por essa parte do jornal laboratório, mas não deixou de ser um trabalho supervisionado, com os alunos trazendo as edições para que eu pudesse fazer correções e indicar mudanças.

O desafio maior e que trouxe consequências notáveis para o jornal-laboratório foi a falta de câmeras fotográficas digitais que pudessem ser utilizadas pelos estudantes em uma prática profissional de fotojornalismo. Sem esse equipamento, a opção foi utilizar os próprios celulares, o que em alguns casos comprometeu a publicação, pois a câmera não era de qualidade ou não podria imagens com resolução suficiente para impressão no formato e tamanho do jornal, pouco desfocadas e pixeladas. E por fim, o alto custo da impressão, que impediu uma tiragem regular impressa do jornal, sendo adotado então como medida paliativa uma única impressão mensal das páginas do jornal custeada por mim, para exibição nas paredes dos blocos.

Jornal Laboratório como Ferramenta Pedagógica

Dirceu Fernandes Lopes (1989) afirma que os principais estudiosos do jornal laboratório, entre eles, nomes conhecidos no Jornalismo como José Marques de Melo e Luiz Beltrão, assim como ele, entendem e defendem essa mídia impressa periódica com instrumento didático básico para o ensino e aprendizagem de Jornalismo em sala de aula. Nele, os estudantes de graduação produzirão de forma periódica um jornal completo, desde o planejamento editorial e gráfico, sugestões de pautas, escrita de textos jornalísticos, fotojornalismo, edições de texto e fotografias, diagramação das páginas, até a publicação. E contarão com aulas teóricas e práticas sobre jornalismo impresso, redação, edição, editoração, ferramentas e plataformas digitais. Bem como sobre técnicas de apuração e edição empregadas por repórteres e editores, responsáveis pela escolha do tipo de texto jornalístico a ser escrito, assim como as imagens e redação de legendas para fotos, títulos de matérias etc. Para simular uma redação de jornal também são feitas reuniões de pauta regulares e reuniões de planejamento editorial e gráfico do jornal, levando em consideração a principal característica dessa mídia periódica impressa, segundo Lopes (1989) que é seu caráter experimental.

Através da prática profissional em sala de aula, pode-se demonstrar na prática o jornalismo crítico, humanizado e ético. Afastar-se das rotinas desgastantes das redações

jornalísticas que impõe longas jornadas de trabalho, que muitas vezes operam dentro do *habitus* noticioso, repetindo pautas e abordagens sobre questões relevantes, e estimular a autonomia dos futuros repórteres para propor pautas pouco exploradas, ou mudar a abordagens de pautas feitas com frequência, ouvindo fontes diferentes sobre o fato ou acontecimento. Aprimorar habilidades de liderança nos estudantes para que possam ocupar cargos de chefia como editores, que precisam tomar decisões e assumir responsabilidades sobre elas, para executar atividades: jornalísticas de decidir tudo no jornal até o fechamento da edição; gerenciais para administrar pessoas, recursos e equipamentos; e editoriais de seguir a linha editorial do veículo, escolhendo, hierarquizando e apresentando a informação para o leitor de forma atraente ((PEREIRA JUNIOR, 2012).

Dos profissionais da edição não se exige mais apenas habilidade administrativa e de planejamento editorial como capacidade para estabelecer critérios. Devem ser capazes de dar o prumo das alternativas éticas nas situações cotidianas e saber dividir as tarefas de acordo com os talentos que dispõe. Devem dar orientação da cobertura, perguntar aonde se quer chegar com determinada reportagem ou abordagem. (PEREIRA JUNIOR, 2012, p. 54).

Essa orientação muitas vezes significa criticar, elogiar ou repreender repórteres, planejar dentro de prazos, trabalhar dentro da periodicidade do veículo, e ser diplomático ao lidar com conflito entre os envolvidos na produção da edição. E isso requer possuir segurança na tomada de decisão e agir com firmeza, assumindo uma posição profissional e de autoridade, com liberdade para questionar a política editorial do jornal. Desenvolvendo, assim, a estima e o prazer das atividades jornalísticas e conseqüentemente valorizando a profissão, e criando um ambiente amistoso para receber propostas de mudanças.

Parte dessas mudanças estão relacionadas às transformações e desafios atuais do jornalismo impresso com o advento das tecnologias digitais e da internet. Por isso, é relevante seguir o apontamento de Alexandre Lenzi (2018) para a priorização da produção de conteúdo informativo para as plataformas digitais, com o objetivo de inovar os jornais impressos. E mostrar para esses estudantes que apesar dos jornais que seguem modelos tradicionais estarem fadados a morrer (NOBLAT, 2012), as mídias impressas e o próprio jornal impresso também passam por inovações que irão garantir suas reformulações e permanência na sociedade. Reforçando, inclusive, que o jornal impresso são produtos diferenciados e que ofertam mais do que o que pode ser encontrado em outras mídias (NOBLAT, 2012).

Vale destacar destacar que a prática do jornal laboratório em sala de aula também deve se atentar para o contexto atual que vem sendo chamado de “era da pós-verdade”⁴ ou “era das fake news”, e o desenvolvimento de uma verdadeira indústria no Brasil para as notícias falsas. O crescimento e fortalecimento dessa indústria no país foram atrelados pela jornalista Teresa Pedrosa (2017) aos três seguintes fatores:

O primeiro é o ambiente de alta polarização política, que não favorece nem o debate racional nem o apreço pelo consenso. O segundo é a descentralização da informação, por causa da ascensão de meios de comunicação alternativos e independentes, propiciada pela internet. Parte dos novos canais tem uma agenda política, e seus compromissos propagandísticos e ideológicos suplantam qualquer compromisso com informação factual. O terceiro é o ceticismo generalizado entre as pessoas quanto às instituições políticas e democráticas – sendo os principais alvos os governos, os partidos e os veículos de mídia tradicional. (2017, n.p).

Portanto, em sala de aula, deve-se contextualizar essa discussão e fortalecer o papel do jornalismo diante do cenário de desordem informacional. Além de reforçar que o Jornalismo é um campo de aplicação da ética, também é uma disciplina de verificação instrumental, e de pesquisa para a sociedade entender questões ligadas às informações. Luiz da Costa Pereira Junior (2010) sublima que o jornalismo só faz sentido entre o desempenho técnico (cujo terreno é o verificável), e o compromisso ético e humanístico (seu horizonte é a cidadania). Quanto ao reforço da sua atuação ética, está subentendido sua função social como expressa no *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*, elaborado pela Federação Nacional dos Jornalistas em 2007, segundo o qual, o jornalismo está diretamente ligado ao direito fundamental dos cidadãos de ter acesso a informação e por isso os jornalistas não podem admitir que sejam produzidas e divulgadas informações que não são pautadas pela veracidade dos fatos. Não se submetendo, assim, as diretrizes contrárias à precisa apuração dos acontecimentos e à correta divulgação da informação. Sendo de sua responsabilidade rejeitar alterações, deturpações da realidade e promover a retificação das informações que se revelem falsas ou inexatas.

Para além de reforçar a responsabilidade social e ética do jornalismo, seu papel também passa a enfatizar a apuração, isto é, os métodos investigativos na imprensa. Segundo Luiz Costa Pereira Junior, “A apuração de informações, a investigação, é a pedra de toque da imprensa,

⁴ A expressão pós-verdade se popularizou depois das vitórias de Donald Trump nos Estados Unidos e do plebiscito Brexit, no Reino Unido em 2016, e denota que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos as emoções e crenças pessoais.

seu álibi, a condição que faz um relato impresso ser jornalismo, não literatura. É a espinha dorsal do trabalho jornalístico” (2010, p. 73). Para o autor, a apuração deve ser planejada e as técnicas de edição devem ser utilizadas para garantir qualidade nos produtos jornalísticos.

Jornal Laboratório ECOS

A partir do entendimento do jornal laboratório como uma ferramenta pedagógica, foi proposto em sala de aula aos alunos do curso de Jornalismo da UFAL da turma 2017.2, na disciplina de Edição em Mídia Impressa, ministrada por mim, a criação de um jornal laboratório para os blocos de Comunicação da Universidade alagoana. Assim, o ECOS foi criado em 2018, há três semestres, e continuado com as turmas de 2018.1 e 2018.2, na matéria Laboratório de Mídia Impressa. A primeira etapa foi definir um projeto editorial para o jornal que fosse experimental e flexível.

O projeto de um produto editorial é um processo que se confirma e se formata diariamente, da formulação de pauta à flexão da edição que já foi a público. A orientação de pauta organiza a cobertura e dá solidez ao projeto. A apuração rigorosa dá segurança para as decisões editoriais seguintes e o fechamento delimita o olhar que o público terá sobre todo o material. Em cada etapa, o editor exerce o controle de qualidade. (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 95).

O nome do jornal laboratório foi elaborado com os alunos por meio de consultas na Hemeroteca Digital Nacional⁵, sugestões e enquete online com os estudantes. ECOS foi o mais votado e sua sugestão se deu por também ser o início dos códigos das disciplinas da antiga grade do curso, bastante familiar, portanto para os estudantes, professores e servidores dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas. E também pelo seu sentido acústico, como uma reflexão de som que chega ao ouvinte pouco tempo depois do som ter sido emitido.

A segunda etapa foi o planejamento do impresso. Para facilitar o ensino e aprendizagem, foi estabelecido a periodicidade mensal e foram criadas editorias. Também foram definidos os principais gêneros jornalísticos da publicação: o informativo (reportagens e entrevistas) e o opinativo (editorial, artigo ou comentário), segundo classificações de José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016). Desde o início foi estimulado a criação desses textos tendo em vista que a formação em jornalismo muitas vezes foca em demasiado na produção da notícia e na sua estrutura básica do lide e da pirâmide invertida, prática comum nas oficinas de texto jornalístico

⁵ Acervo digital de periódicos e publicações seriadas brasileiras criado pela Biblioteca Nacional disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 16 abril 2019.

e como instrumento para desenvolvimento da escrita dos estudantes. Mas por se tratar de uma disciplina laboratorial de caráter avançado, pautas e textos mais aprofundados foram uma exigência avaliativa, sem limite para o tamanho dos textos, mas com o número mínimo de três fontes nas reportagens.

Com essas bases editoriais iniciais, os estudantes dividiram-se nas editorias estabelecidas ou na atividade de diagramação, cientes de que essa divisão seria rotativa durante o semestre, e de que a edição final dos textos deveria ser feita em sala de aula com minha orientação e supervisão, assim como o fechamento final, depois da diagramação do jornal. E os estudantes se mostraram interessados não só em colocar em prática atividades jornalísticas, bem como abordar assuntos ligados ao seu cotidiano na cidade de Maceió e na UFAL, e com os assuntos que ganharam notoriedade nacional, ou seja, os estudantes desejavam desenvolver seu pensamento crítico com relação a sua vivência particular, ao ensino e aprendizagem nas universidades públicas brasileiras, e ao contexto sociopolítico, econômico e cultural brasileiro. Foram eles que criaram as pautas nas reuniões de planejamento da edição e estabeleceram a diagramação no fechamento.

O planejamento gráfico inicial foi feito de maneira simplificada, assim como para a produção dos textos, foi indicada uma bibliografia especializada, e exemplos notáveis para que os estudantes pudessem ter uma base sólida na construção do veículo impresso. Com isso, a capa e seus elementos, assim como o miolo do jornal teve a forte influência do jornal impresso O Globo, do Rio de Janeiro. E foi escolhida a cor laranja como principal, além do branco e preto, por ser utilizada nos prédios de Comunicação da UFAL, um item de identificação para os alunos, professores e servidores, por estudarem e trabalharem nesse lugar. Os alunos que ficaram responsáveis pela diagramação, também ficaram responsáveis pela edição da capa, escolher quais matérias mereciam ser a manchete principal, e quais outras matérias deveriam ocupar esse lugar de destaque do jornal, sendo posteriormente discutidas em sala de aula essas escolhas. O tamanho da primeira edição foi em formato A3 (29,7 x 42 cm), facilitando impressão e a exposição do resultado dentro do bloco em papel couchê fosco, custeado por mim, tendo em vista a falta de verba para bancar uma tiragem e distribuição do jornal. A linguagem gráfica, para Nilson Lage (2006) é uma das três camadas de significação que compõem a linguagem jornalística, isto é, a linguagem da informação.

O projeto gráfico é o sistema simbólico composto de manchas, traços, ilustrações e letras – pequenos desenhos abstratos que se repetem e combinam-

se de maneira caprichosa. Os traços estabelecem divisões e interagem conjuntos. As manchas e blocos de letras decidem, com os claros, o equilíbrio ou movimento estéticos. [...] Ele deve ser capaz de preservar a individualidade do veículo; fazê-lo reconhecido pelo consumidor quando este não lê o título - e ainda que a disposição dos elementos varie a cada dia. [...] E contém uma infinidade de informações, desde “isto é um jornal” até “tal grupo de letras é mais importante do que aquele outro”. (p. 12).

Assim, a primeira edição saiu em abril de 2018. E ficou clara sua característica estudantil e experimental, feita com o empenho desses estudantes. Devido a grande quantidade de alunos das duas turmas da disciplina de Edição em Mídia Impressa, a primeira edição acabou com muitas páginas, matérias com muitos autores, e diagramações diferentes para um caderno de cultura. Ficou claro, então, a necessidade de um projeto editorial, gráfico e manual de redação como principais orientações para a publicação, assim como estabelecer tamanho para os textos. Também foi preciso estabelecer um protocolo para envio do material para meu e-mail, sendo solicitada em formato em doc., com título, subtítulo, autoria, e as fotografias com indicações de legendas e créditos. E a própria prática do jornal laboratório propiciou seu desenvolvimento, com uma monitora, Beatriz Carvalho, e uma aluna colaboradora fixa da diagramação, Ana Carolina Lima.

Figuras 1: Jornal Laboratório ECOS, edição dezembro de 2018, com conteúdo editorial e diagramação estabelecidos.



Fonte: arquivo da autora.

Material Didático e Divulgação

Quando o jornal laboratório passou a fazer parte da disciplina de Laboratório de Mídia Impressa, o número de estudantes diminuiu drasticamente para quatro, três estudantes, e com isso, junto com a monitora da disciplina e a colaboradora fixa da diagramação, foi pensado em formas de divulgação do jornal laboratório, que passou a contar com estudantes sem ser matriculados na disciplina, enviando textos como colaboradores, mas segundo o critério de que as reportagens e entrevistas só seriam aceitas se feitas por estudantes de jornalismo, e o artigo de opinião poderia ser de estudantes de diferentes cursos de instituições superiores. Para facilitar a comunicação com eles, foi criado o e-mail ecosjornal.ufal@gmail.com, para que possam enviar sugestões de pautas ou textos. E para divulgação, foram criadas também peças de publicidade que foram inseridas nas publicações e divulgadas por e-mails, redes sociais e cartazes colados nos prédios de Comunicação da UFAL.

Figura 2: Peças de divulgação do ECOS, com seu e-mail, feita por estudantes.

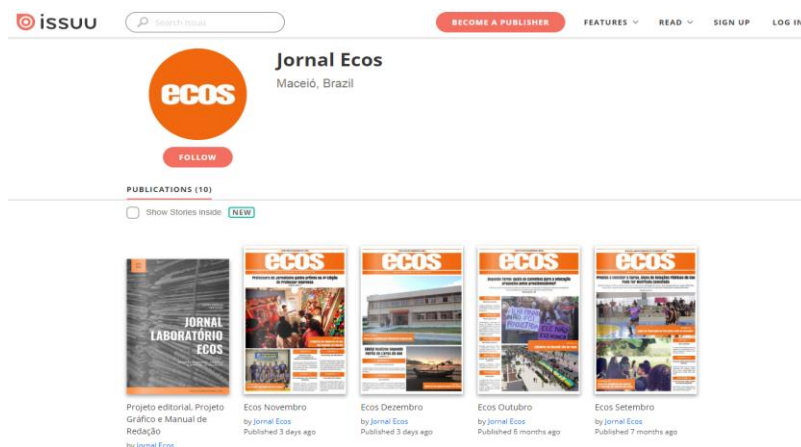


Fonte: arquivo da autora.

Também como estratégia de divulgação, somado a falta de financiamento para impressão em tiragens consideráveis, e pensando a adequação do ECOS as transformações e desafios do jornalismo impresso, priorizando a produção de conteúdo informativo também nas plataformas digitais, o ECOS passou a ser publicado em formato digital na plataforma Issuu⁶, uma das principais plataformas atuais para disponibilizar revistas, catálogos e outras peças, que simula a experiência de leitura de mídias impressas, com o passar de folhas digitais.

⁶ Disponível em: <<https://issuu.com/ecosjornal.ufal>>. Acesso em: 16 abril de 2019.

Figura 3: Página do ECOS na plataforma Issuu onde suas edições podem ser encontradas, assim como seu Projeto Editorial, Gráfico e Manual de Redação.



Fonte: arquivo da autora.

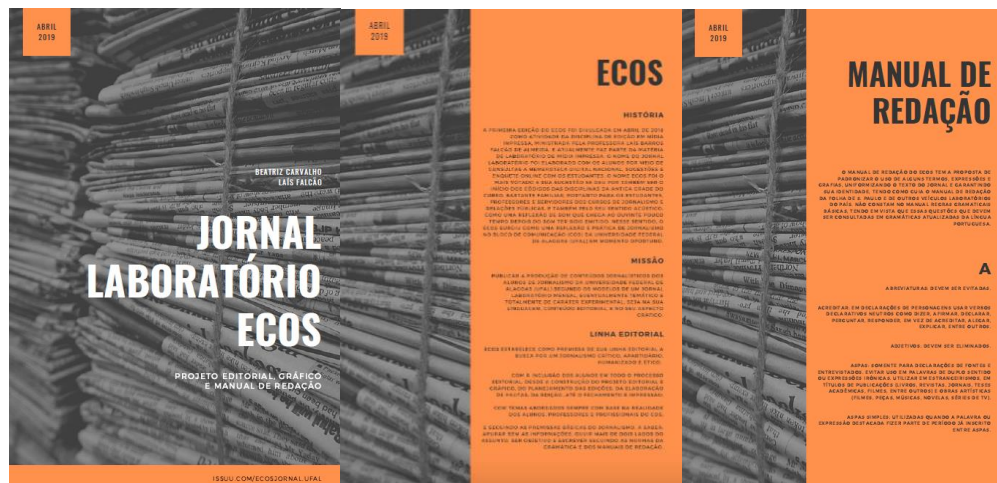
O principal material didático criado foi o *Projeto Editorial, Gráfico e Manual de Redação do Jornal Laboratório ECOS (2019)*⁷, criado por mim em parceria com a monitora da disciplina Laboratório de Mídia Impressa, Beatriz Carvalho, com o objetivo geral de guiar colaboradores e turmas futuras, e seus objetivos específicos são: estabelecer uma linha editorial coerente; indicar condutas jornalísticas éticas e humanizadas; padronizar linguagem e textos, termos, grafias e expressões utilizadas; construir a identidade do veículo. O Projeto Editorial e Gráfico teve como principal referência os trabalhos de Luiz Costa Pereira Junior (2010; 2012) e o Manual de Redação do jornal foi baseado no Manual de Redação da Folha de S. Paulo e nos Minimanuais de Jornalismo Humanizado do Think Olga⁸. Foi feito na plataforma Canva, conhecida para criação rápida e simplificada de designs, em formato A4 (29,7 x 21 cm), colorido, para facilitar a impressão em papel sulfite e a distribuição para os alunos da disciplina.

O conteúdo desse material didático conta com: citações dos principais pesquisadores brasileiros de jornal laboratório, história do ECOS, sua missão, linha editorial, objetivos, público, linguagem, editoriais, diretrizes para os textos e fotografias enviadas, características da publicação, diagramação, e normas de redação em formato de abecedário. Nele foram contempladas todas as mudanças feitas ao longo das nove edições já publicadas e as quatro edições de 2019, que estão em fase de diagramação. Inclusive a última edição de abril finalizada no fim do semestre 2018.2.

⁷ Disponível em: <https://issuu.com/ecosjornal.ufal/docs/projeto_editorial__gr_fico_e_manual>. Acesso em: 16 abril de 2019.

⁸ Think Olga é uma Organização Sem Fins Lucrativos (ONG) feminista criada em 2013 por mulheres brasileiras. O projeto dos Minimanuais de Jornalismo Humanizado para jornalistas está disponível em: <<https://thinkolga.com/2018/01/31/minimanual-de-jornalismo-humanizado/>>. Acesso em 16 abril de 2019.

Figuras 4: Projeto Editorial, Gráfico e Manual de Redação do ECOS.



Fonte: arquivo da autora.

O tamanho do jornal foi modificado para Tabloide (28 cm x 43 cm). A linguagem deve ser entre o coloquial e o culto, com tom sério e formal. As principais editorias são: campus, cultura, geral cos, opinião e política, mas conta também com editorias de ciência, economia, educação, esporte, meio ambiente e mercado de trabalho, onde são priorizadas pautas do seus públicos principais, a saber: alunos, professores e funcionários do bloco de Comunicação. Por isso, seu principal objetivo é divulgar informações relevantes para esse grupo. E finalmente, a linha editorial busca o jornalismo crítico, apertidário, humanizado e ético. Com a inclusão dos alunos em todos as suas etapas, com temáticas ligadas às “realidades” deles, e seguindo premissas básicas do jornalismo de qualidade.

Considerações Finais

A prática laboratorial, instituídas pelo Modelo Unesco, pelas Diretrizes Nacionais, e pelo Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo da UFAL, alicerçada no jornal laboratório ECOS possibilitou um mergulho aprofundado na experiência profissional de mais de 47 estudantes, constatando que “ninguém aprende a fazer reportagem ou entrevista por devaneio ou imaginação; e fazendo-as, a rigor ao vivo, delas não tirará fruto apreciável se não as vir publicadas” (RIZZINI *apud* LOPES, 1986, p. 48), assim como não se aprende a fazer diagramação e jornal impresso sem fazê-los e sem publicá-los. O ECOS construiu um espaço de construção coletiva de conhecimento sobre Comunicação, Jornalismo e Mídias Impressas no Brasil.

A docência, de forma semelhante, também é construída em sua prática, no ensino e aprendizagem também dos docentes, quanto à academia e à área profissional de Jornalismo, e suas relações com a sociedade. Para isso, também foi fundamental colocar em prática a educação dialógica e participativa, e emancipatória proposta por Paulo Freire (1997), com base no diálogo, estimulando a reflexão e prática coletiva, e a proposta de comunicação não-violenta, mais empática, humana e de escuta do outro, de Marshall Rosenberg (2006). Além de incorporar as transformações e inovações na sociedade e no próprio Jornalismo. Todas as edições do ECOS, assim como seu *Projeto Editorial, Gráfico e Manual de Redação do Jornal Laboratório Ecos* (2019) são materiais e instrumentos de ensino que podem ser utilizados por docentes e discentes como exemplos de orientação para a criação de outros jornais laboratórios, seja no ensino básico, médio ou superior.

O ECOS se desenvolveu e se transformou em um produto jornalísticos sério, moderno, de qualidade e jovem, que comprova a capacidade formadora e produtiva do ensino superior público de Jornalismo no Brasil, e da própria Universidade pública brasileira como lugar de pluralidade e liberdade de ideias, do pensamento crítico e da construção de conhecimentos diversos. Por ser uma mídia impressa estudantil, também constrói uma visão e discursos diferenciados sobre Jornalismo, academia, sociedade, e a cidade de Maceió. Todos os desafios no ensino das disciplinas de mídia impressa no curso de Jornalismo da UFAL foram contornados com soluções criativas, e ao mesmo tempo, com busca e luta constantes, em conjunto com demais docentes, para melhoria dos laboratórios de informática do curso, para aquisição de novos equipamentos, e melhor acesso à internet.

O resultado foi a posição de finalista na categoria estudante do 29º Prêmio Braskem de Jornalismo. E a certificação de Excelência Acadêmica da UFAL que recebi com a monitora da disciplina pelo trabalho apresentado no Iº Seminário de Monitoria (SIM) da instituição, que abordou a importância do jornal laboratório para o ensino e aprendizagem da profissão.

Referências bibliográficas

ASSIS, Francisco de; MELO, José Marques de. **Gêneros e Formatos Jornalísticos: um Modelo Classificatório**. Intercom (São Paulo. Online), v. 39, p. 39-56, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução n. 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília: Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação. Diário Oficial da União Nº 190, seção 1, p. 26, 1 de outubro de 2013.

DAMASCENO, Patrícia Lopes. **Design de Jornais: Projeto Gráfico, Diagramação e Seus Elementos**. BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-40, 2013. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/damasceno-patricia-2013-design-jornais.pdf>>. Acesso em: 12 de abril de 2019.

FENAJ. **CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS**, 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2014/06/04codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de Redação e Estilo**. São Paulo: Publifolha, 2018.
FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 2006.

LENZI, Alexandre. **Inversão de papel: prioridade ao digital, um novo ciclo de inovação para jornais impressos**. Florianópolis: Insular, 2018.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: do Exercício Escolar ao Compromisso Com o Público Leitor**. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 2008.

NOBLAT, Ricardo. **A Arte de Fazer um Jornal Diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Dennis de; RODELLI, Patrícia. **Jornal-laboratório: prática extensionista articulada com a dimensão ética do jornalismo**. Fórum Nacional em Defesa da Qualidade do Ensino de Comunicação Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 11 a 13 de maio de 2006.

PEROSA, Teresa. **O Império da Pós-verdade**. Época. 11/09/2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/mundo/noticia/2017/04/o-imperio-da-pos-verdade.html>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz da Costa. **Guia Para a Edição Jornalística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **A Apuração da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo Diário**. São Paulo: Editora Publifolha, 2009.

ROSENBERG, Marshall. **Comunicação Não-Violenta**. São Paulo: Editora Ágora, 2006.

UFAL. Universidade Federal de Alagoas. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo Bacharelado**. Maceió: Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, 2014.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Modelo curricular da Unesco para o Jornalismo**. Brasília: Unesco, 2010.

WILLIAMS, Robin. **Design Para Quem Não é Designer: Noções Básicas de Planejamento Visual**. São Paulo: Callis, 1995.